

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

UM ANIVERSARIO

“ORPHEU”

Quais as características dessa revista literaria que tão profundamente influiu no pensamento português

A 21 de março de 1915 Lisboa conhece o primeiro numero da revista literaria «Orpheu». Passados vinte anos, como ninguem até hoje tivesse a curiosidade de escrever a sua historia que o publico desconhece, agradecemos ao suplemento literario do «Diário de Lisboa» o convite que para este fim dirigiu ao colaborador de «Orpheu» que assina estas linhas.

Na formação de «Orpheu» os primeiros nomes que aparecem são os do poeta português Luis de Montalvor e o do escritor brasileiro Ronald de Carvalho.

Ronald de Carvalho ha bem pouco falecido no Brasil vitima de um desastre de automovel, era além de escritor, diplomata e secretario da Presidencia da Republica, tendo sido recentemente eleito «Príncipe das Letras Brasileiras».

A seguir vêm Fernando Pessoa e Mario de Sá-Carneiro.

A estes juntam-se-lhes José Pacheco, Santa-Rita Pintor, José de Almada Negreiros, Eduardo Guimarães (brasileiro), Alfredo Guisado e Cortes Rodrigues.

Tiveram colaboração extra, o poeta Angelo de Lima e o filosofo dr. Raul Leal.

Morreram já Mario de Sá Carneiro, Santa Rita Pintor, Angelo de Lima, José Pacheco e Ronald de Carvalho.

E eis o nome de todos e quantos colaboraram em «Orpheu».

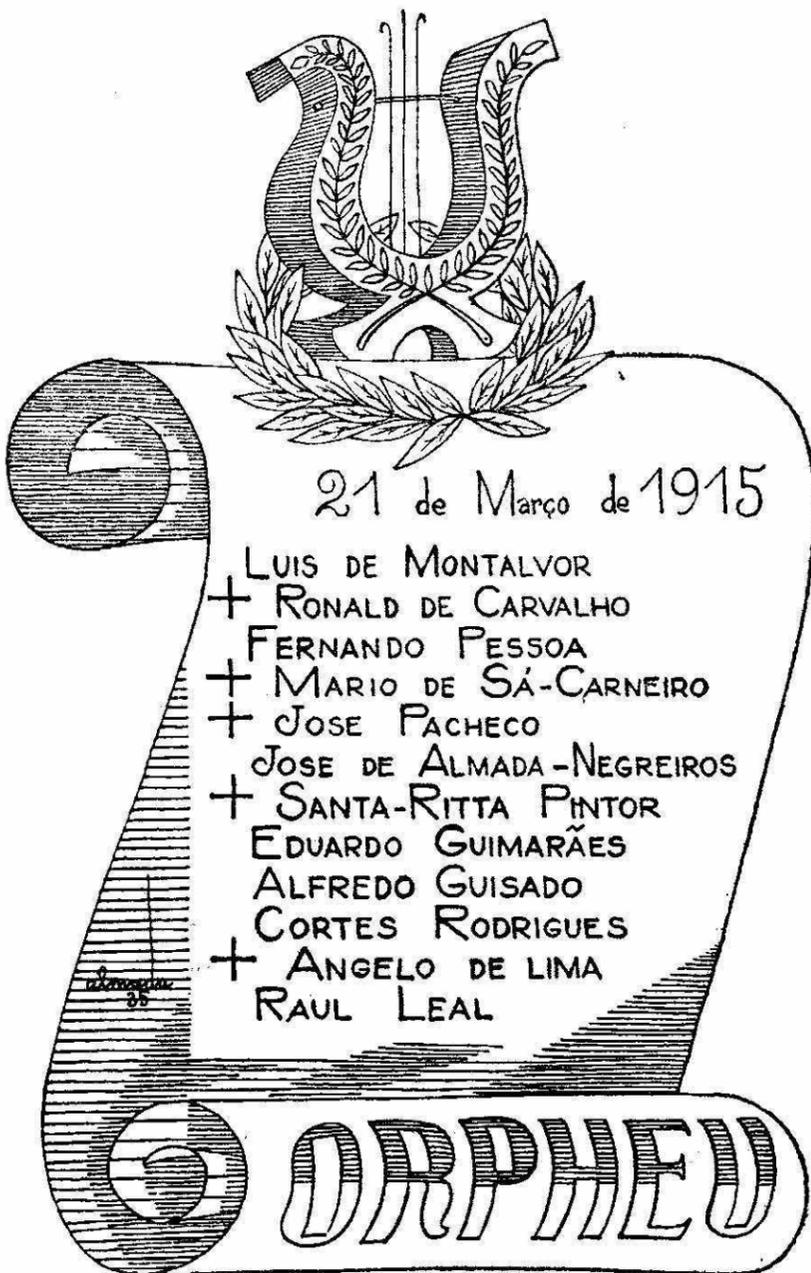
O escandalo que o aparecimento de «Orpheu» produziu no publico, foi e ficou inédito na vida literaria portuguesa. Portugal leitor, de Norte a Sul, delirava de regozijo, exactamente como se cada português tivesse sido o achador daqueles loucos á solta. Nem mais nem menos.

Foi essa a reacção mais viavel encontrada pelos leitores de «Orpheu» para justificar o incómodo que a revista lhes causou lá em seus ripanços.

Não tinha sido tão consciencientemente que fizémos tais rivais. Não os tinamos adivinhado tão concretos. Pelo contrario, julgávamos os erros que atacávamos e a rotina que queríamos romper como defeitos de nós todos, mais do que apenas de alguns que se sentiram lesados nos seus prestígios.

Mas, não é verdade que parece extraordinario uma revista literaria ter o condão de fazer saltar dos seus respectivos buracos tanta gente sensata, indignada com tal emprego das palavras?! Não é verdade que autenticos loucos, não era esta a especie de indignação que provocariam nas gentes?!

Mais extraordinario parecerá ainda quando se disser que «Orpheu» era exclusivamente litera-



rio, que não tinha o mais pequeno vislumbre politico, que não era como os jornais e revistas literarias portuguesas da actualidade, nas quais é afinal a politica que se mascara de letras. «Orpheu» era honradamente literario!

Sem programa, a não ser o de reunir autores, assim se fez «Orpheu». Todos autores e sem chefes, o que de verdade só é possível entre gente de Arte. Independencia da colaboração. Até a ortografia era a dos autores. E foi esta independência da colaboração o que afinal del-

kava perceber uma unanimidade de idéas entre os seus colaboradores: A necessidade da «élite» portuguesa, a qual não estava no seu lugar, a qual não estava em parte nenhuma!

Estava deshabitada a cabeça de Portugal!

A razão de «Orpheu» era profundamente aristocratica, não no seu efémero sentido de sangue, mas na sua verdadeira essencia de valores.

«Orpheu» era uma consequencia fatal de determinados portugueses, desligando-se dos outros portugueses, porém ligados entre

si pela mesma fé na elite de Portugal. As suas personalidades vinham já esclarecidas o bastante para uma dignidade comum. por isso mesmo eramos portugueses sem sermos nacionalistas, nem regionalistas, nem indigenistas. Queríamos apenas o mais difficil dos titulos portugueses: sermos portugueses simplesmente!

A «Historie du Portugal par coeus» de Jose de Almada Negreiros e a «Mensagem» de Fernando Pessoa, duas produções portuguesas que tiveram a aceitação de todos, são dois documentos portugueses, sem nacionalismos, em regioialismos, nem indigenismos. Os seus autores são dois colaboradores de «Orpheu».

São documentos portugueses, disse, mas portugueses de Portugal, do unico Portugal comum a todos os portugueses. Mas há já muito tempo que deixou de haver portugueses em Portugal. Foi então que começou o português á antiga portuguesa, que é mais moderno que o português, e é o resultado de estarem interrompidos os portugueses»: escreve Fernando Pessoa em 1923. E outro colaborador de «Orpheu» enviava de Madrid em 1928 uns versos onde se lia:

«E' fado nosso,
é nacional,
não ha portugueses,
ha Portugal.»

Ora o que queriam os colaboradores de «Orpheu» era que houvesse Portugal e tambem portugueses. Portugueses sobretudo, visto que Portugal já há. «Orpheu» dirigia-se especialmente ao caso das varias pessoas portuguesas, aos varios casos do português, ao português.

E' mesmo este o unico caminho para ir á conquista da elite portuguesa. A elite é coisa muito séria, é até a mais séria de todas onde haja um povo; não cuida apenas do governo do povo pois que reconhece já a pessoa humana tambem. A elite não se resume na ciencia politica, é sobretudo o conhecimento do humano, o que é de carne e osso.

São as possibilidades individuais portuguesas o que falta sobretudo em Portugal.

O unico exemplo que vale para as pessoas é o exemplo dos heróis. Herói é aquele que se ultrapassa, que vale além das possibilidades comuns. Ora as possibilidades comuns portuguesas já cá estão, já são comuns; e agora vamos a outras, a novas, portuguesas tambem, nossas!

Outra característica de «Orpheu» era o europeísmo.

(Ver continuação na 7.ª página)

UM ANIVERSARIO

"Orpheu"

(Continuação da 1.ª pagina)

Dirão: Como pode ser se estavam em «Orpheu» dois brasileiros? dois americanos?! Isto mesmo ajuda-vos a responder. E na resposta fica também demonstrada a independência que dissemos já dos colaboradores de «Orpheu».

Ronald de Carvalho, precisamente o escritor brasileiro, colaborador de «Orpheu», escreve nos «Estudos brasileiros»: «O nosso dever é destruir o preconceito europeu... Deixemos de pensar em europeu. Pensemos em americano». Isto quer dizer: o que para o português representa o europeísmo, é evidentemente para o brasileiro o americanismo. O brasileiro ha-de encontrar a sua humanidade dentro do americanismo. O português é que não pode deixar de ser europeu, e cada vez menos pode deixar de o ser, pela simples razão de que a Europa é cada vez mais Europa.

«Já lá vão aqueles tempos em que Portugal foi a mais rica nação da Europa. E foi ao tornar-se Portugal a nação mais rica que desequilibrava por isso mesmo a Europa inteira.

Hoje a Europa é uma unidade nascente. Longinquamente iniciada pelas Descobertas marítimas dos portugueses, esta unidade da Europa concretiza-se hoje nos nossos dias. Portugal, que provocou essa unidade será acaso o primeiro a surpreender-se agora com ela?» (1)

Não deixava de ter razão de ser, digo razão de ser, o ensaio «Portugal» do conde de Keyserling.

É um europeu quem pergunta porque Portugal, que foi o melhor dos europeus nos tempos em que a Europa apenas começava, não o é hoje também quando a Europa entra já na sua maioridade?

As respostas portuguesas a este ensaio vieram todas zangadas. É difícil de compreender o europeísmo.

«Descobrimento» de 1931, revista literaria (perdão, «de cultura»), termina o seu comentário ao ensaio de Keyserling com estas palavras:

«Basta-me que deste comentário ressaite o erro do ponto de vista europeu para observar e compreender Portugal».

Como se vê por este comentário, tinha razão de ser o ensaio do conde de Keyserling.

E vai ser difícil o português entender o Portugal europeu. Bem mais difícil do que o brasileiro entender o Brasil americano.

Entim, foram estas as duas características mais importantes de «Orpheu»: portuguesa e europeia.

Para a conquista da «élite» portuguesa encontrara «Orpheu» o caminho heroico: cultura individual, portuguesa e europeia.

Não se ha-de enganar quem vir no escândalo produzido pelo aparecimento de «Orpheu», a preguia portuguesa fortemente incomodada por este desafio de acção. A preguia individual portuguesa, digo, que é pelos vistos incomparavelmente maior do que a preguia colectiva portuguesa.

É que «Orpheu», meus senhores, foi o primeiro grito moderno que se deu em Portugal.

«Orpheu» é o pioneiro do movimento moderno em Portugal!

E segue.

Lisboa, março de 1935.

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

(1) Das «Cinco Unidades de Portugal», de José de Almada-Negreiros, 1930 (inédito).

A sala-restaurant do CAFE-«CHIC» tem conforto, asseio inexcelsível, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação.

—Porque a não visita V. Ex.º?

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

Adolfo Casais Monteiro

director da «Presença»

afirma que a literatura moderna revela um humanismo criacionista

Adolfo Casais Monteiro é outro director da Presença. Embora a sua obra tenha a tonalidade proustiana desse grupo literario dinamico e revelador, ela destaca-se luminosamente com um poder comunicativo e humano. Não é um lirismo, velha escola, preocupado da musicalidade das rimas, orquestral e sonoro, mas vazio, escravizado ao metro e torcido numa jaula de ferro, como um escravo romantico plangente de titãias, mas alto e divergente, com perspectivas novas, geometrias de forma, em que a idéa tem um valor matematico, ora acusando-se severamente sem ornatos, mas densa de materia, ora sugerindo pelo encontro arritmico das palavras profundas ressonancias de alma, na sua parte mais nobre, mais intellectiva.

Por vezes, em Casais Monteiro, a sensação dá uma emoção — oasis raro — na sua raza planicie intellectual. Pemas do tempo incerto, tem o valor duma nova poesia, cortada, dissonante, nervosa, introspectiva, com choques de cores, volumes ineditos — mas penetrante de contacto. Pode estranhar-se a obra, de tal maneira a sua fisionomia é original, mascara nua e palpitante. No mesmo estilo, embora menos perfeito de escola, o seu livro de versos: Confusão, mas, no entanto, duma maravilhosa economia lirica.

Adolfo Casais Monteiro tem ainda outro aspecto: o de critico. Trabalha a literatura como um cirurgião. É um dissecador notavel, duma pericia operatoria que, embora lhe tenha provocado muitos adversarios, lhe arregimentou tambem muitos admiradores. Intellectual puro, fazendo da critica uma verdadeira ciencia, a: suas analises são sempre impeccaveis, e até mesmo, irrefutaveis.

O cerebralista que ele é, devendo-se a si proprio, não transige, mas tambem não especula. Os seus raciocinios são como os teoremas: matematica de opinioes, que ele enuncia e demonstra, no quadro restrito dos valores nacionais.

O seu depoimento corajoso é mais uma manifestação do seu intellectualismo puro. Ele marca a rota a seguir indo á frente, na sua marcha de explorador e de desbravador literario. Ha quem o siga, embora o caminho seja duro, tanto mais que o sol está por ele.

—Quais são as características da actual literatura portuguesa? Pode definir-se uma escola, destacar valores, distinguir formas literarias?

—Hoje, como sempre aconteceu, diz-se que a literatura está em crise. Certo é que sempre entre nós se leu pouco — e mal! Certo é que sempre faltou ambiente, que sempre a obra literaria teve pouca repercussão. Actualmente — e foi sempre assim! — a maioria do publico é amorfa. A obra é, porém, independente da sua repercussão ora, não ha crise de produção literaria, bem pelo contrario, e atesta-o a qualidade do melhor do que se tem publicado nos ultimos anos.

—Qual a tendencia da nova geração?

—Na geração literaria que avança manifesta-se uma comum tendencia: tudo lhe tem sido adverso: o publico como a critica. E todavia, consciente de que seguia o unico caminho que coerentemente podia seguir, não se tem desviado um passo; indifferente aos sarcasmos, á opposição de que tem sido objecto. Quando digo «a geração que avança» não me refiro a nenhuma escola — que não as ha. Refiro-me sim a um conjunto de personalidades que, não obstante as mais diversas tendencias, têm em comum alguma coisa que se aproxima, e dá unidade á produção por que se revela.

—Características.

Em primeiro lugar, distingue-se o sentido da auto-critica, a honestidade que cada um põe em julgar-se a si proprio. Em seguida, a extensão ao panorama literario do momento desse mesmo espirito, mas voltado para o exterior, numa sã revisão de valores. A' arbitrariedade e falta de autoridade da pseudo-critica, compare-se o esforço manifestado em parte da pequena imprensa e em algumas revistas, a honesta e desinteressada preocupação de clara distincção e avaliação de valores.

—O bem e o mal nem sempre se distinguem. Combinam-se por vezes!

—Quere-me parecer que esse vigor nascente da critica não é senão um dos aspectos dum grande movimento evolutivo, que tem como centro dinamico a necessidade — que já começa a encontrar eco em parte do publico — de valorizar, como base da criação, um criterio formal. Daí o abandono da retorica, do efeito exterior, como consequencia da crença segundo a qual não ha beleza nem puro jogo de palavras, em simples acrobacias verbais,

mas que ela é inseparavel duma afirmação de autenticidade humana.

—Já manifestada?

—Manifestada em parte por aqueles que em volta da Seara Nova se reuniram — estes principalmente no campo de critica social — em parte por todos que, porque colaboram na Presença, é costume designar como grupo da Presença — e estes unicamente no campo da literatura e das artes — assim é que um movimento se ergueu e alastrou, tendendo, em todos os campos, a dignificar a cultura, pugnando pela vivificação de todas as formas de expressão, na critica como na pura criação.

E, atacando:

—Mencionarei ainda, em sintese: na poesia, o anti-academico, a repulsa pelo gosto dos feitos bombasticos e pelos pseudo-liricos derramamentos de piégas, pelo sub-sentimentalismo (o qual é uso confundir com lirismo); no romance, registarei a ofensiva contra o culto da banalidade engastada em rebuscar de adjectivação, em contorsionismos de forma (e o furor do vernaculismo, anquilozando a lingua).

«Em resumo: vê-se em todos os campos uma inquieta ansia de superar as tradições puramente formais, o automatismo esteril, para atingir uma verdadeira expressão da altitude dramatica da vida. Se é preciso — por mau que isso seja — uma formula, ela aí vai: a actual literatura portuguesa revela, através das personalidades que a representam, um humanismo criacionista.

—O valor da poesia? Novas formulas poeticas.

—Equivocam-se os que pensam tudo aclarado com esta afirmação: a poesia actual caracteriza-se pela invenção de umas formas poeticas. A unica verdade é a poesia procurar libertar-se de quaisquer formulas.

«Significa isto que se tenha tornado anarquica? Penso que não, e que simplesmente se libertou de regras, de convenções, que eram apenas tradição caduca, que nada tinham com a essencia da poesia. Aos poetas não conformistas de hoje, nenhuma aversão pela medida e pela rima, ou pelo soneto, a ode, etc., os cega (pois se de tais formas tantas vezes se servem!). Sucede, porém, que tais formas e formulas não são indispensaveis, poi não têm, em si, qualquer valor. Qualquer forma vale o que vale quem deia se utilizou. É claro que, com a terrivel praga formalista que desde a Renas-



ADOLFO CASAIS MONTEIRO

cença grassa entre nós, é bem difficil que tudo isto seja aceita sem uma prévia e violenta reacção. Essa epoca de reacção começa, porém, a entrar em crepusculo: veja-se como os dois maiores poetas dessa geração, Fernando Pessoa e José Regio, vão a pouco e pouco conquistando o publico, esse publico que não ha muitos anos apenas sabia escarnecer de tudo o que fosse ou parecesse modernista.

—O romance tem cultores de envigadura? Acompanha as tendencias hoje dominantes na literatura estrangeira?

—A debilidade do romance, bem como a do teatro, é hoje ainda um dos sintomas de desequilibrio do nosso genio criador. Parece, porém, que podemos esperar, pelo menos para o romance, um periodo de fecundidade tal como ainda não houve. Tudo, por enquanto, é impreciso: Ferreira de Castro, apesar de uma obra já extensiva, não conseguiu ainda o equilibrio, mas as grandes qualidades reveladas dão-nos o direito de esperar muito dele. Rodrigues Migueis, José Regio, Gaspar Simões, começam, e não podemos senão esperar o que prometem as obras de inicio por que se revelaram. O certo é que, na geração anterior, não existe um unico romancista. Aquilino Ribeiro, novelista, e principalmente contista admiravel, não conseguiu escrever um unico verdadeiro romance. Ainda acêrca de alguns — talvez de um só? — dos valores mais recentemente afirmados no romance, tenho visto referencias sem endereço mas cujo alvo se adivinha (essa sibilina insinuação sem citar nomes é um dos mais repugnantes processos de atacar quem, por sua vez, por motivos que não digo) e todos sabem, (não se pode defender): ataque o que não nos agrada dizendo que é imitação da literatura estrangeira. Por outro lado, esses mesmos puristas são capazes de afirmar que é preciso integrar Portugal na Europa. Quando é o nacionalismo que se imita já está bem.

Mas está mal se uma obra revela, sem haver qualquer imitação, tendencias identicas á que revela o melhor da produção estrangeira.

E terminando:

—Tudo isto revela confusão de planos, e a inexistencia espiritual dos que alardeiam de defensores do espirito. Do espirito! Eles que se têm na boca palavras decoradas, e á seriedade dos que procuram a beleza, dos que inquietamente lutam pelo enriquecido humano, só sabem responder com palavras de mestre-escola: calai-vos, porque nós é que sabemos o que é a verdade e o que está bem. Mas a obras responde-se com obras: que esse espirito se manifeste em criação literaria e não em discursos, e terá o direito, não a impôr — mas o direito a viver como criadores e a vêr-se tomados em consideração.